

Antares Dossiê Hilda Hilst Hilda Letras Hilst

A morte e o tempo em Hilda Hilst: reflexões psicanalíticas*

Tânia Maria Cemin Wagner**

Resumo

O texto tem como objetivo percorrer as intersecções entre a psicanálise e a literatura, bem como evidenciar os limites dessa relação. A partir dessa interlocução, analisa-se a obra *A obscena senhora D*, de Hilda Hilst, discutindo questões sobre a morte e o tempo, abordando conceitos psicanalíticos de pulsão de vida e pulsão de morte, bem como de desamparo original e desinvestimento libidinal. A história apresenta uma personagem, Hillé, vivenciando um processo de luto, momento em que se apresenta muito confusa, refletindo acerca do tempo e do significado da vida e da morte. Realiza questionamentos que evidenciam a desilusão de poder viver sensações boas, demonstrando estar entregue ao vazio. Assim, realiza-se um delineamento das repercussões de um processo de luto a partir de um saber psicanalítico e os ecos produzidos ao longo da trajetória de vida dela.

Palavras-chave

Psicanálise; literatura; pulsão de morte; tempo

Abstract

The text aims to scroll through the intersections between psychoanalysis and literature as well as highlight the limits of this relationship. From this dialogue, we analyze the work *A obscena senhora D*, Hilda Hilst, discussing issues about death and time, addressing psychoanalytic concepts of life drive and the death drive, as well as original helplessness and libidinal disinvestment. The story features a character, Hille, through a process of mourning, at which time appears very confused, reflecting on the time and the meaning of life and death. Performs questions that reveal the disappointment of being able to live a good feeling, to be delivered to showing empty. Thus, we make an outline of the implications of a grieving process from a psychoanalytic knowledge and the echoes produced along the trajectory of her life.

Keywords

Psychoanalysis; literature; death drive; time

* Artigo de autora convidada para o dossiê.

** Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela UFRGS (2000). É professora na Universidade de Caxias do Sul.

*Lobos? São muitos.
Mas tu podes ainda
A palavra na língua
Aquietá-los.*

*Mortos? O mundo.
Mas podes acordá-lo
Sortilégio de vida
Na palavra escrita.*

*Lúcidos? São poucos.
Mas se farão milhares
Se à lucidez dos poucos
Te juntares.*

*Raros? Teus preclaros amigos.
E tu mesmo, raro.
Se nas coisas que digo
Acreditares.*

Hilda Hilst

HILDA DE ALMEIDA PRADO HILST FOI FILHA ÚNICA DE UM FAZENDEIRO DE CAFÉ, jornalista, poeta e ensaísta Apolônio de Almeida Prado Hilst, e de Bedecilda Vaz Cardoso. Em 1932, quando tinha dois anos de idade, seus pais se separaram e três anos depois, Apolônio foi diagnosticado com esquizofrenia paranóide. Em 1948, entrou para a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde conheceu aquela que seria sua grande amiga ao longo da vida, a escritora Lygia Fagundes Telles. O primeiro livro de Hilda Hilst, *Presságio*, publicado em 1950, foi recebido com grande entusiasmo e, em 1951, publicou seu segundo livro de poesia, *Balada de Alzira*. Em 1966, muda-se para sua Casa do Sol, casa planejada detalhadamente pela autora para ser um espaço de inspiração e criação artística. Hilda Hilst escreveu por quase cinquenta anos, tendo sido agraciada com os mais importantes prêmios literários do Brasil. Assuntos tidos como socialmente controversos foram temas abordados pela autora em suas obras, no entanto, seu trabalho sempre buscou, essencialmente, retratar a difícil relação entre Deus e o homem. Parte de seu arquivo pessoal foi comprado pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio, Instituto de Estudos de linguagem – IEL, UNICAMP, em 1995, estando aberto a pesquisadores do mundo inteiro e o restante, notadamente sua biblioteca particular, encontra-se na Casa do Sol, sede do Instituto Hilda Hilst – IHH.

A obra *A obscena senhora D*, de Hilda Hilst, narra uma história sobre luto, expondo reflexões acerca da vida. As percepções da trajetória da personagem principal

apresentam-se ofuscadas pelo prisma obscuro de alguém que está vivenciando um processo de luto. Objetiva-se, neste trabalho, discutir, à luz da psicanálise, questões sobre a morte e o tempo, presença e ausência, aspectos fundamentais na vida humana e, de alguma forma, entrelaçados.

A psicanálise fornece subsídios para uma discussão profícua sobre questões como essas. Na construção da teoria psicanalítica há dois importantes pilares de ancoragem, a arte e a literatura, os quais participam, desde as primeiras formulações freudianas do inconsciente e do complexo de Édipo, com inspirações de Sófocles e das tragédias de Shakespeare. A fundamentação das teorizações de Freud foram embasadas na sua auto-análise e na sua clínica, bem como alicerçadas na universalidade de referência à arte. Ele foi um dedicado leitor de Goethe, pelo qual manifestou admiração e respeito, colocando-o no lugar daqueles profundos conhecedores da alma humana. Na concepção do fundador da psicanálise, a arte e a literatura seriam redutos de um processo primário, e o artista teria acesso privilegiado aos elementos do inconsciente. O processo primário, segundo Garcia-Roza (1936/2000), constitui um modo de circulação da energia psíquica que se apresenta de forma mais livre, encontrada principalmente nos sonhos e nos sintomas.

A psicanálise busca desvelar o inconsciente, e a literatura representa uma realidade que é a realidade da alma humana. A literatura e a psicanálise possuem em comum uma caracterização de relação sujeito-objeto baseada na superposição, em que sujeito e objeto confundem-se, e o sujeito é o próprio objeto da busca. Dessa forma, é possível pensar que ambas fornecem uma leitura do humano, e a literatura pode ser traduzida como um lugar de exercício da palavra, podendo ser considerada como um dos meios que propicia uma leitura do homem e um conhecimento da alma humana. Já a psicanálise serve como um instrumento de leitura de um texto literário, sendo considerado um recurso de interpretação, revelação e desvendamento. Assim, a partir de uma leitura psicanalítica de um texto literário pode-se chegar a um desvelamento do real. O texto artístico é um instrumento que possibilita interação entre a psicanálise e a literatura a qual, segundo Villari (2000), proporciona aquilo que não está ao alcance de ser dito pela psicanálise, trata-se de um dizer através da escritura que circula pelo simbólico.

A linguagem é um ponto de interseção entre a psicanálise e a literatura, mas

apresenta também um espaço de entrecruzamento de desejos, de acordo com Mezan (1998). O discurso evocado em um divã, bem como o texto literário, revela-se como fruto de um trabalho consciente e inconsciente, sendo impossível a delimitação até onde vai um e o outro. No caso clínico e nas produções do imaginário artístico, o psicanalista pode reencontrar e compreender certos temas fundamentais da constituição do ser humano.

D'Agord et al. (2010) consideram que a psicanálise trabalha com o sintoma, mas também se ocupa de revelar as fantasias que não podem ser dissolvidas ou curadas, mas atravessadas, pois representam uma construção que origina um sujeito e, uma vez encontradas na literatura, podem ser analisadas, tal qual Freud realizou em alguns momentos. Por outro lado, Green (1994) considera que a primeira diferença entre o analisando e o texto é que o analisando é o objeto de uma análise contínua, progressiva, sem que nenhuma volta para trás seja possível. Mesmo que se solicite ao analisando para repetir um fragmento, sempre será outra narração. O texto literário é o contrário de um discurso analítico, trata-se de um produto altamente elaborado, até mesmo quando assume certa liberdade associativa.

O texto sofre uma dupla pressão: uma vertical que parte do corpo dos seus abismos, brota e urge, pulsando o texto, e outra horizontal, na qual a linguagem abarca o constrangimento, as palavras, as frases e o estilo, provocando certos efeitos advindos da própria produção do texto. Fala-se muito de clivagem do sujeito, e certamente nossa teoria do duplo contribui bastante para defender esse ponto de vista. Mas é preciso dar à clivagem toda sua expressão, como a clivagem entre corpo e pensamento, entre afeto e representação.

A escritura é, segundo uma expressão de Freud, a comunicação com o ausente, contrariamente à palavra tomada na presença. No processo psicanalítico, o artifício das condições da situação analítica tem como objetivo criar uma espécie de ausência presente ou de presença ausente. Para o leitor, o autor está sempre ausente, apenas o texto cria uma quase-presença ou uma quase-ausência, assim como ocorre entre analista e analisando.

Conforme Lazzarini e Viana (2004), Freud considera que as obras de arte servem para ilustrar conceitos, bem como para pensar o psiquismo humano. Uma de suas maiores pretensões era conferir universalidade às suas descobertas no campo da clínica,

refletindo sobre a criação artística em seus escritos, sobre os processos psíquicos.

De acordo com Teixeira (2003), Freud passou a vida tentando organizar suas percepções em um campo científico e, paradoxalmente, buscando conceder um status diferenciado à sua teoria, sendo rica em metáforas e referências a autores da literatura mundial e culminando em um campo de saber que redimensiona os rumos do pensamento.

Após essa articulação fundamental de similaridades e diferenças entre a psicanálise e a literatura, segue-se apresentando uma discussão de alguns aspectos da referida obra literária, cujo início é brindado com uma dedicatória à memória de uma figura importante em sua vida, transcrita a seguir:

Respiro e persigo
uma luz de outras vidas

—

E ainda que as janelas se fechem, meu pai
É certo que amanhece

—

Para poder morrer
Guardo insultos e agulhas
Entre as sedas do luto

Para poder morrer
Visto as cambraias
E apascento os olhos
Para novas vidas

Para poder morrer apetejada
Me cubro de promessas
De memória.

Porque assim é preciso
Para que tu vivas. (p. 33)¹

Esse poema se debruça sobre a necessidade de que as lembranças de uma pessoa que morreu se mantenham preservadas, para que ela permaneça viva de alguma forma. Entretanto, é fundamental que também haja um desinvestimento libidinal em relação a essa pessoa que partiu. A perda do investimento libidinal, segundo Green (1988), está relacionada à pulsão de morte, a qual tem o objetivo de realizar ao máximo uma função desobjetalizante através do desligamento. A pulsão de morte pode ser autodestrutiva ou

¹ HILST, Hilda. *Rútilo nada; A obscena senhora D; Qadós*. Campinas, SP: Pontes, 1993. 145p. As demais citações referentes a esta obra pertencem à mesma edição, portanto nas próximas só será mencionado o número da página.

estar dirigida para fora, manifestando-se como pulsão agressiva ou destrutiva e é representada por Tanatos. A expressão dessa tendência desobjetalizante é a busca do nada, isto é, de uma redução das tensões ao nível zero, que é a aproximação da morte psíquica.

Para Freud (1920/2004):

Uma pulsão seria, portanto, uma força impelente (*drang*) interna ao organismo vivo que visa a restabelecer um estado anterior que o ser vivo precisou abandonar devido à influência de forças perturbadoras externas. Trata-se, portanto, de uma espécie de elasticidade orgânica, ou, se preferirmos, da manifestação da inércia na vida orgânica. (p.160)

Na obra analisada, *A obscena senhora D*, Ehad era marido de Hillé e a chamava de senhora D, abreviatura de Derrelição, que significa desamparo e abandono e é exatamente dessa forma que ela se sente, principalmente após a morte dele. A senhora D percebe a morte de Ehad como uma perda impossível de ser enfrentada. Pode-se pensar que, mesmo quando ele estava vivo, ela já apresentava algumas dificuldades em relação ao enfrentamento de algumas situações em sua vida, parecia querer se esconder de algo, talvez de si mesma. Ela, inclusive, havia optado por morar, ou seja, passar grande parte das horas do dia e noite, no vão embaixo da escada, tendo sido questionada quanto a isso: “Senhora D, é definitivo isso de morar no vão da escada?” (p. 36) Denota-se, ao longo da obra, que ela se mantém em constantes questionamentos em relação a sua vida, como: “(...) eu à procura da luz numa cegueira silenciosa, sessenta anos à procura do sentido das coisas” (p. 35).

É possível perceber a descrição dessa personagem como uma pessoa que já não estabelecia grandes investimentos em suas relações objetais, privilegiando investimentos libidinais narcísicos, voltados para si mesma, na tentativa de buscar um sentido interno primeiro.

Quando Ehad morreu morreram também os peixes do pequeno aquário, então recortei dois peixes pardos de papel, estão comigo aqui no vão da escada, no aquário dentro d'água, não os mesmos, a cada semana recorto novos peixes de papel pardo, não quero mais coisa muito viva, peixes lustrosos não,(...), por não acreditar na finitude me perdia no absoluto infinito.” (p. 36)

Freud (1915b/1974) considera que é impossível imaginar a própria morte e, sempre que se tenta fazê-lo, percebe-se que ainda assim é um lugar de espectador. Por isso, a psicanálise pôde aventurar-se a afirmar que, no fundo, ninguém crê em sua própria morte, uma vez que no inconsciente de cada um de nós, o sujeito está convencido de sua própria imortalidade. Nessa obra, é possível identificar, em alguns

momentos, que fica implícita a crença da imortalidade, como, por exemplo: “(...) olhe senhora D, não pode se trancar assim, a morte é coisa que não se pode dar jeito, né, o senhor Ehud ficaria triste lhe vendo assim, tá morto né, a morte vem para todos,(...)” (p. 42)

Em *Totem e tabu* (1913/1974), Freud afirma que está presente, frequentemente, na clínica psicanalítica, uma demonstração de fragilidade de um homem na fase adulta, que já possui sua independência, alcançada pela maturidade biológica e psicológica, tendo, portanto, condições de buscar a realização de seus desejos, com adequada capacidade de discriminação e escolha. Porém, apesar da maturidade atingida na adulez, no fundo, na sua essência, ele continua tão desamparado e exposto às ameaças como se ainda estivesse na infância, sentindo-se como uma criança frente ao mundo, à sexualidade, à morte, ao amor e à dor.

Quem a mim me nomeia o mundo? Estar aqui no existir da Terra, nascer, decifrar-se, aprender a deles adequada linguagem, estar bem
não estou bem Ehud
ninguém está bem, estamos todos morrendo.
Antes havia ilusões não havia? Morávamos nas ilusões. (p. 40)

Em algumas passagens da obra, ficam nítidos questionamentos de cunho identitário, mas, ao mesmo tempo, trata-se de indagações realizadas de modo profundo e com muita dor, como se não fosse possível se entregar a algo bom, como, por exemplo, a paixão.

(...) Hilé, paixão é a grossa artéria jorrando volúpia e ilusão, é a boca que pronuncia o mundo, púrpura sobre a tua camada de emoções, escarlate sobre a tua vida, paixão é esse aberto do teu peito, e também teu deserto. (p. 43)

Assim, contempla-se a ideia de que há um predomínio da pulsão de morte sobre a pulsão de vida, sendo que é importante ressaltar que ambas estão sempre presentes no aparelho psíquico e que são qualitativamente da mesma índole. A diferença entre elas é dada pelos modos como a pulsão se apresenta, ou seja, se a pulsão se faz presente, promovendo e mantendo uniões, conjunções, ela é caracterizada como sendo de vida; quando ela se torna presente disjuntivamente, então é considerada de morte. Dessa forma, pulsão de vida e pulsão de morte seriam diferentes formas de como a pulsão se apresenta no psiquismo. Enfatiza-se que a pulsão de morte relaciona-se à morte do eu, ligado ao desejo e aos interesses e não à morte do organismo psicobiológico. (GARCIA-ROZA, 2000; LAPLANCHE, 1992)

A presença da pulsão de morte pode ser apresentada clinicamente através da compulsão à repetição do desprazer, do sentimento inconsciente da culpa, da necessidade de punição e sofrimento, fenômenos que podem configurar-se como tendências mortificantes ao sujeito. Green (1988) concorda com a hipótese freudiana da autodestruição como função da pulsão de morte, porém diverge em relação à ideia de que essa se apresenta de maneira primitiva ou automática. O autor relaciona a todos esses quadros clínicos a presença do luto insuperável, bem como as reações de defesa por ele suscitadas. Os afetos penosos, algumas formas de angústia, temores de aniquilamento, sentimentos de futilidade, de desvitalização, de morte psíquica podem ser pensados como masoquismo primário (pulsão de morte), mas estão suscetíveis a interpretações diversas como em qualquer quadro clínico.

Green (1988) afirma que o sujeito precisa ter em mente a articulação entre as pulsões de vida e morte. Nesse sentido, a pulsão de morte não abarca somente o desligamento. Essa qualificação permite compreender que não é somente a relação com o objeto que é atacada, mas também todos os substitutos deste – o eu, por exemplo, e o próprio investimento. Assim, conclui o autor, que a manifestação da destrutividade da pulsão de morte se dá pelo desinvestimento.

A prevalência da pulsão de morte pode ser percebida no trecho abaixo, na medida em que ao invés de buscar ligar, que seria pulsão de vida, acaba se fechando e se sentindo vazia.

por que fecha sempre as janelas?
e por que devo abri-las?
e por que as abre de repente e assusta as gentes e grita?
o corpo é quem grita esses vazios tristes
por que não alimenta o corpo com benquerança,
aceitando o agrado dos outros?
porque o corpo está morto
e a alma?
a alma é hóspede da Terra, procura e te olha os olhos agora, e te vê cheio de
perguntas
(p. 45)

Ressalta-se que Freud se refere às pulsões como provenientes do interior do corpo, como processos livremente móveis que atuam no sentido da descarga, regidos pelo processo primário, que é inconsciente. Freud (1920/2006) aborda sobre esse novo conceito, que mais tarde chamará de pulsão de morte, sugerindo inicialmente que existe na mente uma compulsão à repetição, que sobrepuja o princípio do prazer que até então

era dominante em suas teorias. Esse questionamento surge quando o autor escreve sobre a repetição que ocorre em momentos em que as pessoas repetem eventos, mesmo que não atuem de forma ativa.

Freud (1920/2006) reflete sobre a existência de uma força que vai além do princípio do prazer. Essa força pode ser exemplificada pelo fato de a personagem não conseguir nem abrir janelas, podendo-se pensar que há uma pulsão que a inibe de se abrir e olhar para si mesma, por medo de se assustar e ter que gritar em função de um vazio interior triste. Olhar para o outro, ou deixar que o outro olhe para ela, pode representar investir e se frustrar, por isso a inibição, não se abrir tem um sentido de também não viver e não sofrer.

Freud considera que há uma tendência das pulsões em se manterem numa compulsão à repetição, uma vez que essa compulsão é inerente à vida orgânica e tende a restaurar um estado anterior das coisas. Assim, Freud (1920/2006) enfatiza que o objetivo de toda vida é a morte e reflete sobre isso, na medida em que busca fugir do desamparo vivenciado, ou seja, a morte é representada pela busca do estado paradisíaco no ventre da mãe, sem privações.

Nos escritos de Freud, identifica-se uma preocupação com o estado de desamparo humano, como, por exemplo, em *Projeto para uma psicologia científica* (1985), momento em que aborda sobre a importância de o recém-nascido encontrar uma pessoa que lhe permita descarregar as tensões físicas e psíquicas. Assim, se o cuidador propiciar a realização de uma necessidade/desejo, como o de alimentar-se, a sensação de bem-estar, de ilusão e de completude será reencontrada. Porém, se isso não ocorrer, a falta fica demarcada. É importante ressaltar que, com a perda/falta desse objeto que satisfaz, surgirá o desejo, movendo o sujeito a buscar o objeto original perdido, através de uma ação específica em relação ao objeto/realidade.

Nessa busca do objeto perdido, pode haver uma confusão entre o eu e o outro, ou ainda, com a demarcação de uma dissociação do afeto, como é ilustrado a seguir na obra analisada:

Enquanto tu morrias eu te abraçava numa fúria alagada, numa sórdida doçura, minha alma era tua? O desejo era demasiado para a carne, que grande fogo vivo insuportável, que luz-ferida, que torpe dependência uma outra Hillé sussurrava muito fria e altiva, uma outra Hillé fingindo mansidão e langor, roliça, passiva, perla sobre o fascínio de los mármores. (p. 60)

Nesse momento, pode-se pensar que a personagem fica com seus sentimentos divididos em relação ao marido, como se existisse uma cisão interna entre o desejo e a realidade que se impõe, ou seja, o desejo de não perdê-lo, mas a realidade, que, por não ser ideal, apresenta-se impregnada de frustrações. Ainda se pode falar de um eu ligado ao outro, preso à identidade conjugal que se configurou e um eu de si mesma, já designados como diferentes investimentos da libido: libido de objeto e libido do eu (narcísica). Segue-se, ilustrando ainda mais essa cisão, evidenciando-se os investimentos libidinais.

Duas Hillé, uma tua senhora D, dois Ehud, um o que se mostrava nos cotidianos, leveza e carranquez, outro um Ehud de mim, sonhado, ou eras tu mesmo aquele que eu queria, sóbrio, os passos largos, lentidões, e uma Hillé lagamar, escura, presa à Terra, outra Hillé nubívaga, frescor e molhamento... (p. 60-61)

Dessa forma, fala-se de um desamparo original em que nasce o ser humano, decorrente de sua prematuridade biopsicológica e sua total dependência do outro, mas também fala-se de diferentes investimentos da libido, de um tempo que não volta mais, da demarcação da morte.

Senhora D lembra de uma conversa com Ehud, na qual aborda a questão do tempo: “(...) desses nadas do dia a dia que vão consumindo a melhor parte de nós, queria te falar do fardo quando envelhecemos, do desaparecimento dessa coisa que não existe mas é crua, é viva, o Tempo.” (p. 36)

O tempo é instituído para cada sujeito, de acordo com Kehl (2009), no intervalo entre a tensão de necessidade pulsional e a satisfação. Considera que o ser humano é senhor da sua relação com o tempo, uma vez que nasce dependente de um outro, ou seja, tem a necessidade de ser satisfeito por um outro que queira se ocupar dele. Dessa forma, o sujeito do desejo, em psicanálise, é um intervalo sempre em aberto, que pulsa entre o tempo próprio da pulsão e o tempo urgente da demanda do outro.

Discutir acerca do tempo remete ao envelhecimento, e, conseqüentemente, abordar sobre a eminência da morte. Para Mucida (2006), o medo da morte localiza-se entre o eu e o superego diante de um perigo externo ou interno que causa angústia, e está associada à perda do investimento libidinal. Dessa forma, o sujeito se desinveste libidinalmente do mundo. O que existe na velhice é o amedrontamento da morte do desejo e não da morte em si, já que o inconsciente a desconhece. Vale ressaltar que este desejo não se mede pela idade cronológica, mas pela relação que o sujeito estabelece com os objetos. Desse modo, deparar-se com a velhice é, na verdade, deparar-se com o

fato de que a morte faz parte da realidade de todos.

Kehl (2009) se debruça em refletir sobre a forma como o sujeito contemporâneo se relaciona com o tempo, entendendo que o reduz a uma experiência relacionada à velocidade e que os sujeitos depressivos vivenciam um sentimento de tempo estagnado. Ela considera que existem diferentes formas como a temporalidade pode ser vivenciada, enfatizando que o tempo é uma construção social, e toda ordem social é marcada, de alguma forma, pelo controle do tempo. A origem do sujeito psíquico é marcada pela dimensão temporal e não espacial, sob a forma subjetiva da espera de satisfação.

A finitude é marcada pela temporalidade, estabelecendo uma ordem, que:

é uma espécie de compulsão a ser repetida, compulsão que, ao se estabelecer em regulamento de uma vez por todas, decide como, quando e onde uma coisa será efetuada... Os benefícios desta ordem são incontestáveis. Ela capacita os homens a utilizarem o espaço e o tempo para seu melhor proveito, conservando ao mesmo tempo as forças psíquicas deles. (FREUD, 1930/1974, p. 113)

A personagem principal, ao longo da obra, reflete acerca do que significa o tempo, quais as suas representações e, mediante a morte de seu marido, se questiona: “(...) como é o Tempo, Ehud, no buraco onde te encontras morto? como vive o tempo aí? Escuro e de repente centelhas de cores, como é o Tempo do inchado, do verme, do asqueroso? O que é asqueroso? Como é o tempo no úmido do fosso?” (p. 50)

O modelo freudiano do aparato psíquico obedece a três temporalidades diferentes. O tempo da pulsão, regulado pelos modos de satisfação e pela repetição, seria cíclico; tempo de eterno retorno, comandado pela tendência predominante da pulsão de morte. Já as formações do inconsciente são atemporais: os processos inconscientes não tomam em consideração a passagem do tempo. (KEHL, 2009)

Freud (1915a/1974) aponta para a atemporalidade dos processos inconscientes que podem ser apreendidos através da comunicação, da linguagem e suas inúmeras configurações que são a via régia para o inconsciente, direcionando a um outro tempo, um outro lugar que não o tempo cronológico, e sim o tempo que não se conta conforme os anos se passam, ou seja, algo que não envelhece, que não sofre alterações do tempo se comparar ao corpo, ao que é físico, palpável e de fácil acesso. Referindo que o inconsciente é regido pelo princípio do prazer, o núcleo do inconsciente consiste em representantes pulsionais que procuram descarregar seu investimento, consiste em impulsos carregados de desejo. Essas são as características que se pode esperar encontrar nos processos pertencentes ao sistema inconsciente, que estão presentes em

qualquer pessoa, independente da idade.

Quando Freud afirma que o inconsciente é atemporal, é justamente a concepção abstrata do tempo que ele refuta, pois o inconsciente implica um tempo, e este não deve ser entendido como grandeza. É nesse sentido que se pode dizer que o tempo do inconsciente é real e não abstrato, já que o sujeito é capaz de criar um tempo que lhe seja próprio, pois seu funcionamento é intrínseco ao sujeito e às operações que levam à sua produção. A psicanálise trabalha com a ideia de que a libido e o desejo permanecem no sujeito com suas vicissitudes até o momento da morte. A psicanálise quebra essa ideia de tempo linear ou circular ao provocar a existência de outros tempos: o tempo de repetição, de transferência, de posterioridade, de elaboração, de transformação e de construção de subjetividade.

De acordo com a metapsicologia freudiana, quanto mais inconsciente os traços mnêmicos, mais intensos e duradouros. Daí decorre a atemporalidade do sistema inconsciente, ao passo que a consciência só existe e atua no tempo presente, e portanto, o tempo parece passar mais depressa quando muitas coisas acontecem e, bem mais devagar, quando em estado de repouso ou ócio, o sujeito abandona provisoriamente a função da atenção consciente e se entrega ao devaneio ou a alguma outra espécie de relaxamento da consciência. (KEHL, 2009)

Ainda a autora afirma que, em Freud, a incompatibilidade entre o processo de conscientização e a permanência do traço mnemônico está relacionada a situações de excessiva e contínua estimulação em que o sistema pré-consciente-consciente é permanentemente solicitado a trabalhar, sendo que a temporalidade psíquica é percebida como uma sucessão de momentos presentes. Só o que acontece no presente importa para a consciência, em sua tarefa restrita de aparar os choques advindos do mundo externo. Quando, depois de uma semana ou um mês de uma intensa atividade, o sujeito reclama que o tempo tenha passado depressa demais, a autora enfatiza que se refere a um tempo que não foi vivido como um decorrer, um fluxo dotado de duração, mas como uma sucessão de instantes presentes que não deixam no psiquismo marca alguma além da pequena e imediata modificação da consciência exigida pela velocidade dos estímulos recebidos.

A obra termina com Hillé refletindo sobre a sua própria morte: “E há de vir um tempo, meu pai, que tu e eu não estaremos mais, nem Ehad, e estaremos onde num sem tempo? Que hei de ficar tão velha e rígida como um tufo de urtigas (...)” (p. 83)

Assim, a psicanálise e a literatura possuem similaridades ao se proporem realizar leituras de questões do ser humano, uma vez que a escritura propicia uma compreensão do simbólico. Essa possibilidade de interação abre um leque de diferentes interpretações de uma obra literária, não se restringindo a uma única representação ou significado. Esse estudo se debruçou em uma discussão acerca de questões que contemplam a morte e o tempo, sustentado em um olhar psicanalítico e a partir da obra de Hilda Hilst, com uma personagem que insiste em abordar que ninguém está bem, estamos todos morrendo, enquanto se dissolvem no aquário peixes pardos recortados em papel.

Pode-se compreender que essa personagem, Hillé, apresenta um predomínio da pulsão de morte sobre a pulsão de vida, já que, ao longo da história, ela apresenta um desamparo original, como se precisasse reencontrar uma sensação de bem-estar, mas que já perdeu a ilusão de que isso possa acontecer, como se já não houvesse tempo. Percebe-se uma confusão entre o eu e o outro, uma dissociação do afeto e, em função disso, manifestações de destrutividade a serviço da pulsão de morte, evidenciado a partir de um constante desinvestimento das pulsões de vida. Portanto, ressalta-se que essa é apenas uma possibilidade de compreensão psicanalítica da obra analisada envolto da morte e do tempo, estimulando que outras possam ser desenvolvidas.

Referências

D'AGORD, Marta Regina de Leão, TRISKA, Vitor Hugo Couto, ARALDI, Etiane, e SUDBRACK, Renato Pernigotti. Psicanálise, psicopatologia e literatura: modos de uso da fantasia. *Revista Tempo Psicanalítico*, v. 42, n. 2, Rio de Janeiro, jun. de 2010, p. 313-332.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. Trad. de J. L. Meurer. In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol.13). Rio de Janeiro: Imago. Trab. original publicado em 1913, 1974, p.11-191.

_____. As características especiais do sistema inconsciente. Trad. de J. L. Meurer. In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. Trab. original publicado em 1915a, 1974.

_____. Reflexões sobre os tempos de guerra e morte. Trad. de J. L. Meurer. In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. Trab. original publicado em 1915b. 1974, p. 288-316.

____. O mal-estar na civilização. Trad. de J. L. Meurer. In: J. Salomão (Ed.), *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. Trab. original publicado em 1930, 1974, p. 67-148.

____. Além do princípio do prazer. Trad. de L.A Hans. *Obras completas de Sigmund Freud: escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. Trab. original publicado em 1930, 2006, p.123-182.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana: artigos de metapsicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GREEN, Andre. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: *A Pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988, p 57-68.

____. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.

HILST, Hilda. *Rútilo nada; A obscena senhora D; Qadós*. Campinas, SP: Pontes, 1993. 145p.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

LAPLANCHE, Jean. *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LAZZARINI, Eliana Rigotto e VIANA Terezinha de Camargo. Do que se lê ao que se escreve: leitura e escrita em psicanálise. *Revista Pulsional*, n.180, p.46-53, dez. de 2004.

MEZAN, Renato. *Tempo de muda - ensaios de psicanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece – Psicanálise e velhice*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEIXEIRA L. C. Sobre a escuta de ecos literários e a escrita da clínica na re-invenção da psicanálise. *Revista Mal-Estar Subjetivo*, v. 3, n. 1, Fortaleza, mar. de 2003.

VILLARI, Rafael Andre. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia Ciência e Profissão* v. 20, n. 2, Brasília, jun. de 2000.